8.

O *OUTRO* NO DISCURSO DA (IN)DISCIPLINA

Desde o início de nossas vidas, respiramos alteridade.

*É com base no outro que nos tornamos, no início e
ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos.*

Sem alter jamais existiria ego.

Goergen, 2005

No contexto escolar, o aluno não interage somente com o professor, mas também com os funcionários que lidam com a disciplina, com os representantes da direção e com outros alunos. É nessas interações no cotidiano escolar que cada indivíduo constrói discursivamente a imagem do(s) *outro(s)* com quem convive na relação pedagógica e disciplinar. Neste capítulo, alguns desses aspectos são enfocados e a análise de como o *outro* é representado discursivamente no contexto escolar em questões ligadas à disciplina é apresentada.

8.1.

O discurso acusatório

Ao entrevistar os participantes do contexto escolar analisado, observei que há uma tendência de perceber o *outro* como culpado pelos problemas que ocorrem na escola, o que denomino “discurso acusatório”. Este discurso pode ser observado no trecho abaixo, retirado da entrevista da professora Taís, que acusa a família de não “dar um puxão de orelhas” nas crianças/adolescentes. Para esta professora, a pessoa a quem caberia dar o puxão de orelhas seria a mãe, tradicionalmente tida como responsável por educar as crianças.

Profa. Taís – inglês - 09/08/05

E a segunda coisa é a **falta realmente de alguém que chegue e dê um puxão de orelhas**, sabe, que fique em cima, sabe, eu me lembro que quando eu era criança a gente tinha pai e mãe que ficava em cima. Eu era levada, mas não era desrespeitosa, não era, a minha mãe ensinava a gente a respeitar, o meu pai, até hoje eu acho que isso faz uma tremenda diferença. Hoje em dia filho serve de bucha de canhão pra pais separados, um fica jogando o filho pra cima do outro, a mãe tá ausente porque tem que trabalhar, às vezes o pai foi embora, a mãe tem que sustentar a casa sozinha, deixa a criança às vezes com a empregada, que não deve estar tomando conta e a avó não tem saco, e tem tudo isso.

No trecho acima, pode-se perceber, além da crença de que a mãe é a responsável por regular o comportamento dos filhos, um discurso psicologizante, baseado em uma concepção estereotipada e criada pelo senso comum (cf. 4.3), de que os filhos de pais separados são problemáticos. Este discurso acusatório deixa entrever que a escola deposita os motivos do mau comportamento dos alunos em questões individuais de caráter e personalidade, ou familiares (cf.3.2.3). Baseando-se nesta visão estereotipada, alguns participantes do contexto escolar afirmam que a maior parte dos problemas disciplinares são causados por problemas familiares que se refletem na escola. Assim, os alunos provenientes de famílias não convencionais, típicas da pós-modernidade, estariam fadados à indisciplina, enquanto os alunos de famílias nucleares e tradicionais seriam bons alunos.

Muitos professores acreditam que a função desta instituição é a epistêmica, focada na transmissão de conteúdos. Deste modo, a escola se exime de assumir qualquer responsabilidade em relação aos problemas que o aluno apresenta, pois, como as dificuldades advêm de questões externas, não estão sob sua alçada. No entanto, conforme a visão bakhtiniana de mundo (cf. capítulo 4), o estudante é formado pelos diferentes discursos, pelas diversas vozes com as quais convive, e, deste modo, os problemas externos do aluno são também problemas internos inerentes à escola, uma vez que o discurso que este apresenta na escola ecoa todas as vozes com as quais ele interage, dentro e fora do contexto escolar.

A falta de valores morais caracterizados pela instituição escolar como

corretos também é citada, no discurso acusatório, como um fator que desencadeia problemas disciplinares, sendo que esta visão está calcada somente no conceito de certo ou errado que parte do ponto de vista das crenças e expectativas daqueles que detêm o poder na escola. Entretanto, de acordo com a perspectiva bakhtiniana de linguagem (cf.4.1), valores morais não devem ser compreendidos do ponto de vista do certo ou errado, mas são somente dissonantes. A escola estabelece seus padrões morais baseando-se, muitas vezes, em valores característicos da sociedade moderna e positivista (cf. 2.2). Porém, a família vive a pós-modernidade, e, por isso, reflete os padrões morais e de comportamento próprios deste período sócio-histórico (cf. 2.4.1). Contudo, a escola, detentora de um discurso monológico, que não busca compreender as questões extra-escolares que influenciam seu cotidiano, coloca como verdadeiros apenas os seus próprios pressupostos morais (cf. 4.1). Daí advém a convicção de que aqueles valores, crenças e atitudes que os alunos trazem em sua bagagem sócio-histórico-cultural são ruins, errados, negativos e devem ser corrigidos pela instituição.

Um dos desvios morais apontados pelos profissionais que atuam no contexto escolar é uma suposta permissividade da família em relação às atitudes e comportamentos de seus filhos, seja pela falta de tempo ou pelo total descompromisso dos pais. Essa permissividade é encarada como uma falha moral do aluno que o leva a não demonstrar respeito a seus pais em casa e por não estar preocupado com a imagem que apresentaria perante seu professor, seus pais, ou perante a instituição e nem a temer o juízo negativo daqueles com quem se relaciona no contexto escolar (cf. 3.2.2). A professora Elisa enfatiza a questão da permissividade dos pais com uma falha moral, representando os pais de modo negativo. Segundo seu discurso, essa permissividade faz com que reaja às tentativas da escola de “colocá-los no eixo”.

Profa. Elisa – biologia - 21/06/05

Outra questão, os pais de classe média estão trabalhando pra caramba, chegam em casa cansados no final do dia ... não tem ... tempo pros seus filhos. E aí são permissivos demais e se a gente aqui vai lidar com o filho de uma forma mais ... mais rígida, ... eles não gostam. Então, o colégio não pode contar com a parceria do pai e da mãe. Aí, a gente tem aqui um menino que a gente tem que reeducar. ... Eu acho que a escola, é, agora ta mais difícil, porque, ta dando mais trabalho porque **antes o pai batia palma pro que o colégio fazia**, agora, acredito que não seja mais assim. Pelo menos, graças a Deus os poucos problemas que eu tenho tido, mas os problemas sérios que eu tenho de disciplina, eu chamo o pai aqui, meu Deus do Céu, aí que eu começo a entender porque que aquela oncinha é daquele jeito. Porque a mãe e o pai simplesmente acham que **a gente é que ta errado em querer colocar a menina e o menino deles nos eixos**, porque ele não sabe o que o menino e a menina dele são capazes de fazer numa sala de aula.

A professora Elisa associa o problema da permissividade à classe social dos pais, uma vez que estes, por estarem excessivamente cansados e distantes de seus filhos, tornam-se permissivos. Assim, a escola precisa, segundo sua fala, reeducar as crianças, colocando-as nos eixos, segundo seus padrões de comportamento, ato extremamente penoso, uma vez que, diferentemente do passado, quando os pais “batiam palma para escola”, pois, estavam de acordo com seus métodos e objetivos, atualmente, eles desautorizam a escola quando esta tenta impor seus códigos disciplinares aos alunos.

No trecho retirado da entrevista do professor de física, Sandro, a família, que, na visão foucaultiana de disciplina (cf.3.1), se encontra sob vigilância, exame e normalização, é construída quase como incompetente, pois não ensina a seus filhos as noções básicas de convívio.

Prof. Sandro – física-19/08/05

S: Bom, outra coisa que de um modo geral hoje, não sei se de um modo geral, mas grande parte da garotada hoje não tem limites dentro de casa mesmo. Em casa quase que o pai obedece ao filho. Não vou dizer que é geral, mas uma grande quantidade. Às vezes, o pai ta trabalhando, a mãe ta trabalhando, ele fica muito solto. Então, eu acho que isso também contribui pro, e os filhos nem se dão conta que é desrespeitosa, tipo falar quando o outro ta falando. Entre eles mesmo, atropela, ... sinal de que **coisas mais elementares ninguém coloca**, não falar quando o outro tá falando. Noções básicas de convívio. Tem gente que faz de má índole, mas tem pessoas que fazem, que acho que é hábito, em casa todo mundo berra, grita ao mesmo tempo.

Para este professor, os alunos vêm de casa com uma série de valores deturpados, pois eles não aprendem com seus pais a se comportarem em um ambiente que exige uma postura séria e ritualística. No entanto, é importante enfatizar que família e escola são contextos diferentes, com funções sociais diferentes, discursos e gêneros discursivos diferentes. Por este motivo, determinados tipos de interação verbal que, na atualidade, são permitidos e aceitos no contexto familiar não são característicos do contexto escolar, onde existe, por exemplo, um maior ritual e uma maior hierarquia em relação ao poder e, conseqüentemente, à troca de turnos. No entanto, os professores não estão conscientes quanto a essas diferenças e, por isso, também não conscientizam seus alunos de que casa e escola são dois contextos diferentes e que, portanto, têm regras discursivas distintas. Alguns professores desejam que os discursos desses dois contextos sejam iguais, e quando o aluno utiliza os gêneros discursivos de casa na sala de aula, é caracterizado como indisciplinado, como na fala do professor Sandro, acima.

Contudo, a escola, por também ser responsável pela formação das crianças e adolescentes, deveria explicitar a seus estudantes que existe um discurso específico neste contexto que é muito diferente daquele que é aceito na relação familiar. Há tipos de interações que são adequadas na cultura brasileira no ambiente de casa e que, quando transferidos para o contexto escolar, não são aceitos, visto que atrapalham o convívio entre os alunos e o controle da ordem pelo professor, dificultando o andamento da aula. Porém, os rituais deste contexto e as convenções discursivas do contexto escolar não são explicitados para os alunos. Por isso, muitas vezes os alunos e os funcionários do contexto escolar não se dão conta de que estão participando de eventos sociais que exigem tipos de discursos diferentes, e acabam por serem considerados mal-educados aos olhos dos professores e funcionários da escola. Quando o professor Sandro afirma que “coisas elementares ninguém coloca”, o mesmo está transferindo para a família uma função da escola, a qual caberia explicitar seu discurso pedagógico e disciplinar para a sua comunidade de professores alunos e familiares.

A visão de que a família não colabora com a escola, uma vez que, segundo ele, em muitos momentos, apóia ou acoberta as atitudes erradas de seus filhos, ecoa no discurso de Daniel, inspetor de alunos.

Daniel – inspetor de alunos – 13/04/05

(...)Mas quando você começa a achar os defeitos, e, algumas coisas graves dos alunos, as mães, você não é bem visto, você tá perseguindo o filho dela, mas quando você ajuda, “oh, mãe, seu filho não veio, ele faltou, mas na hora que você pega uma coisa, uma falha muito grave do filho, elas não querem aceitar, é **um protecionismo** muito grande (...) Mas é, o pai tem uma tendência, os pais têm uma tendência muito grande ao protecionismo, e, e é, **não querem corrigir a coisa errada**, muitas vezes “não, eu acredito no meu filho, meu filho falou que não fez isso”.

Para Daniel, no trecho acima, a maior dificuldade de seu trabalho é o “protecionismo” dos pais, que segundo ele, “não querem corrigir a coisa errada”. Assim, como representante da Disciplina, Daniel também demonstra em seu discurso acusatório que se sente impedido de atuar eficientemente devido à conduta da família. O que podemos perceber, portanto, é que há uma dissonância moral, ética e discursiva ocorrendo entre as duas instituições – escola e família. Cada uma dessas importantes instituições apresenta valores, concepções morais, éticas, discursivas e pedagógicas diferentes e muitas vezes contrários: a escola parece ainda estar situada na modernidade e a família é parte constitutiva da sociedade pós-moderna. Assim, há um embate discursivo acerca das visões morais, onde a escola acaba por assumir um discurso acusatório face à família.

O discurso acusatório dos profissionais que trabalham no contexto escolar ecoa na voz do aluno do 3º ano do Ensino Médio, Eugênio, como podemos observar no trecho retirado de sua entrevista.

Eugênio – aluno do 3º ano do Ensino Médio – 16/01/05

E: (...) os pais têm que ensinar, ditar as regras, e os alunos têm que, ... os filhos, no caso, têm que respeitar (...). Aí, os alunos, aqui, chegam na escola, aí desrespeitam, fazem essas coisas que não estão certas e eu acho que isso é um reflexo da educação que os pais dão. Eles não falam, não conversam com os filhos e coisas do gênero. E ... e é isso assim.

Outra aluna que utiliza o discurso acusatório para depositar na família a responsabilidade pela falta de limites é Rebeca, também do 3º ano do Ensino Médio.

Rebeca – 3ª série do Ensino Médio – 02/02/06

R: (...) só que tem alguns alunos que são sem limites, sabe, eu acho que esse limite também vem de casa, às vezes em casa já não põe limite, aí eles chegam aqui achando que não tem limites, então pros professores fica tudo mais difícil.

É possível observar que os discursos de Eugênio e Rebeca ecoam a voz da instituição ao afirmar que a disciplina vem de casa. Eles ecoam o discurso que ouvem de seus professores, dos inspetores com quem convivem quando discutem a questão disciplinar. Estes alunos, ao encararem a disciplina como o meio de estabelecer limites e buscar identificar de quem é poder de disciplinar os alunos, de estabelecer as regras e as sanções (cf. 3.1), demonstram que também para eles, a escola fica impossibilitada de atuar porque os alunos não trazem a disciplina de casa, e por mais que a escola tente disciplinar, tem problemas para exercer sua função.

A partir da análise dos dados gerados nas entrevistas, pude concluir que a escola adota um discurso acusatório e monológico em relação à família. Neste discurso, somente a escola possui a verdade, apenas ela está imune e distante dos eventos da pós-modernidade que permeiam a vida das famílias. Entretanto, estou convencida que deve haver na escola uma atitude verdadeiramente dialógica, no sentido bakhtiniano. Para que a questão disciplinar seja resolvida, é necessário o envolvimento de todos os participantes do contexto escolar, e não é aceitável simplesmente utilizar um discurso acusatório e apontar a família como “a grande culpada” pelo problema, eximindo a escola de seu papel na solução do mesmo. Quando os profissionais da escola apontam os problemas da família como a causa dos problemas disciplinares, este posicionamento cria uma barreira entre o professor-transmissor de conhecimento e o aluno-problema. O primeiro se exime de se envolver no problema, e não conseguem perceber o aluno como um ser de múltiplas identidades: social, econômica, psicológica, familiar, etc. Já o segundo acaba sendo duplamente “punido”, pois passa a receber, não a compreensão e o apoio dos profissionais com quem convive no contexto escolar, mas sim a má-vontade dos professores que o encaram de modo estereotipado, como “o indisciplinado” (cf. 4.3). Cria-se, então, um círculo vicioso, que somente alimenta

cada vez mais o problema e não busca soluções para a questão.

8.2.

A representação negativa do *outro*

A partir do discurso acusatório, foi possível observar que o *outro*, seja ele aluno, família, ou professor, é representado por uma imagem geralmente negativa construída pelos diferentes participantes do contexto escolar.

8.2.1.

Os alunos

Quando pedi aos professores que identificassem no contexto escolar as causas da indisciplina, observei que estes muitas vezes tenderam a apontar os alunos como o *outro* responsável pela indisciplina, refletindo uma visão psicologizante de disciplina (cf.3.2.3), que atribui exclusivamente ao aluno as causas dos problemas disciplinares que ocorrem em sala de aula. Esta concepção, que se baseia na crença do aluno ideal, compreende os comportamentos indisciplinados como atos de transgressão às normas escolares praticados por indivíduos que não conseguem suportar as frustrações impostas pela realidade, representada, na escola, principalmente pelos professores. Para analisar o comportamento desviante do aluno, busca-se a origem dos problemas na sua história pessoal (desvios de comportamento), ou familiar (famílias problemáticas), e explica-se os atos principalmente através de suas características de personalidade (cf. capítulo 3.2.3).

A visão de disciplina que aponta somente para a postura de desinteresse dos alunos pode ser observada no discurso do professor de geografia, Pablo, para quem o aluno indisciplinado seria aquele que está desinteressado, desmotivado.

Prof. Pablo – geografia - 23/08/05

No sentido de que eu encaro assim, eu vejo a disciplina associada a interesse, ... motivação pro estudo, (...), tá, o respeito que ele tem pela instituição, né, esse tipo de coisa ... pelos professores.

Porque quando ele (o aluno) perde a motivação, ele passa achar tudo chato, e ele começa a prestar atenção em determinados aspectos do convívio que ele não gosta e ele começa a ficar irritado, ele começa a querer irritar os outros, e ele começa a não gostar de estudar e no que ele começa a não estudar ele começa a ter notas baixas e, em função das notas baixas, é, ele pode se desmotivar mais ainda, aí vira uma bola de neve. E ele acaba tomando atitudes indisciplinadas, dentro e fora de sala, no ambiente escolar como um todo para chamar atenção, é, ou para fazer com que os colegas desvalorizem a, a, o próprio contexto escolar, já que ele não 'tá valorizando.

Ao associar a indisciplina à falta de interesse para o estudo, o professor, em seu discurso, constrói a indisciplina do aluno somente do ponto de vista dos problemas que o aluno apresenta - desmotivação, notas baixas, insatisfação, etc – sem, entretanto, atentar para o fato de que o aluno não se desmotiva sozinho, há todo um contexto que gera uma insatisfação neste indivíduo. O lado negativo do aluno, o *outro*, é enfatizado e não são consideradas uma série de questões - sociais, pedagógicas, metodológicas, econômicas - que também estão envolvidas com a motivação e que não dependem somente do aluno.

Assim como o professor Pablo, a coordenadora de biologia, Elisa, também caracteriza o aluno como responsável principal pelos atos de indisciplina a partir de uma visão psicologizante de disciplina. No trecho abaixo, ela constrói o aluno indisciplinado como aquele que está constantemente desinteressado, que se mostra indiferente ao trabalho do professor, apesar de todos os esforços deste para motivá-lo.

Profa. Elisa – biologia - 21/06/05

Pra mim, indisciplina é, o aluno ficar desinteressado o tempo todo, ele ficar indiferente às minhas próprias tentativas de **tornar o assunto mais palatável** para ele, ... aquele aluno que repetidas vezes, não só um dia, mas repetidas vezes, eu tenho que interromper meu trabalho pra chamar atenção dele.

O discurso da professora Elisa demonstra que, para ela, a imagem do *eu* da relação pedagógica é positiva, pois cumpre seu papel enquanto profissional e

representante da cultura e do poder da instituição, se esforçando ao máximo para fazer com que a aula seja “palatável” para o aluno. Já o *outro* da relação pedagógica, o aluno, se mostra insensível, indiferente, desinteressado. A construção discursiva da professora acerca do aluno enquanto *outro* da relação pedagógica é a de alguém que não percebe, não valoriza o trabalho do professor, o conhecimento que tem a oferecer ao aluno e sua imagem é construída de modo negativo, como podemos observar no exemplo abaixo, extraído também da entrevista com a professora Elisa.

Profa. Elisa – biologia - 21/06/05

Uma garota começou a lixar a unha sábado à tarde, a última aula, lixar a unha em uma sala de aula (pausa). É uma menina que já tinha dado trabalho anteriormente né, fazia parte de um grupinho que conversava muito. Eu olhei pra ela “você, por favor, guarda isso porque agora não é hora pra fazer as unhas. Vamo prestar atenção à minha aula, isso não é hora” Aí ela virou pra mim, ... e fez uma cara feia e começou a responder.

Há, na construção discursiva da professora, uma visão da relação professor-aluno como enfrentamento, onde o *outro* é um inimigo a ser derrotado (cf. 3.1). O aluno, que, ao agir de modo errado em sala de aula, não é compreendido como um parceiro na construção do conhecimento na sala de aula, mas como um inimigo velado, alguém que atrapalha o trabalho ao professor. Por outro lado, a aluna não aceita a reprimenda da professora, representante do poder instituído, e se coloca também como sua inimiga, tornando, a professora, desta vez, como o *outro* negativo.

Além de ser construído como alguém que não se interessa pela aprendizagem, o aluno é também representado como aquele que não valoriza a instituição escolar, como podemos observar no trecho abaixo, retirado da entrevista com a professora Fernanda, coordenadora de sociologia.

Profa. Fernanda – sociologia - 16/04/05

Qualquer coisa pode justificar as faltas. Eu me lembro que eu fiquei muito impressionada quando eu trabalhava no sábado, uma menina me disse que precisava faltar a minha aula porque ela ia fazer escova (risos). Eu fiquei assim, como? A escola estaria em segundo plano, qualquer coisa, fazer escova pode ser mais importante do que a aula.

Para a professora Fernanda, o aluno relega a escola ao segundo plano. Ela utiliza o exemplo da aluna que comunica à professora que faltaria à aula para fazer escova. No entanto, é importante mencionar que a escola tem uma carga horária extensa com cinco horas de aula por dia, de segunda a sábado, e apesar disso, não apresenta um alto índice de faltas, mesmo aos sábados. No discurso da professora Fernanda, a escola é construída positivamente e, por isso, deveria estar em primeiro plano. Já os alunos são construídos com uma imagem negativa porque não dão valor ao currículo diferenciado que a escola oferece, e, desta forma, faltam às aulas sem motivos justos.

O fato de os alunos relegarem a escola a um segundo plano pode estar, segundo o discurso do diretor da escola, José Carlos, relacionado aos problemas que os alunos trazem de casa, como observado no trecho abaixo.

José Carlos – diretor - 25/06/05

E: E o que que tá gerando essas situações de indisciplina no colégio?

J: Eu acho que o aluno já traz consigo uma insatisfação muito grande de vida, que aí é um problema gerado em casa e que a gente não tem como resolver. A falta de expectativa, de perspectiva, um conjunto de coisas que o aluno fica desmotivado.

Para explicar as atitudes dos alunos indisciplinados, os professores, assim como o diretor José Carlos, adotam um discurso monológico onde somente apontam os problemas e as dificuldades que os alunos já trazem de casa, construindo a escola como a dona da única verdade possível. Os alunos, portanto, são construídos de forma negativa, uma vez que não conseguem acompanhar o ritmo da escola e aceitar as ordens impostas por ela para que tudo funcione de modo perfeito. Esta visão ecoa a concepção de que a aprendizagem só se realiza quando há interesse e motivação dos alunos, e se essas condições não são atendidas, ocorrem os problemas de aprendizagem e disciplinares (Ratto, 2007). Essa visão está também ancorada no que Antelo e Abramowski (2000, p.80-81) denominam “Pedagogia da Completude”, caracterizada pelos ideais de ensino pleno, perfeito, harmonioso, e que busca negar e eliminar tudo que ameaça a realização dos mesmos, pois tem como meta uma sociedade, um aluno, uma aprendizagem sem conflitos e sem negatividades. Assim, o aluno indisciplinado

ameaça o “nirvana pedagógico” que busca uma aprendizagem sem conflitos na escola.

8.2.2.

Os professores

O professor, como o *outro* da relação pedagógica também é construído por alunos e funcionários da Disciplina e do SESOP de forma negativa, pois é apontado como o principal responsável pelos problemas disciplinares que ocorrem na escola. Em suas construções discursivas, os participantes entrevistados apontaram como o principal fator que gera indisciplina na escola o fato de muitos professores da instituição ainda basearem seu trabalho disciplinar na visão tradicional de disciplina (cf. 3.1), ou seja, pautarem seu discurso disciplinar em uma visão autoritária da relação professor-aluno.

O discurso do chefe do SESOP, Carlos, abaixo, aponta para o fato de que a escola analisada, em muitos momentos, ainda baseia seu trabalho disciplinar na concepção de disciplina criticada por Foucault (1975 [2000]), onde a instituição é vista como um local de disciplinar os indivíduos e de punir aqueles que não se adequam ao regime disciplinar vigente. Este tipo de visão outorga ao professor o poder de decidir quem deve ser punido ou não, de acordo com suas expectativas em relação à conduta dos seus alunos. Não há, nesta concepção, a intenção de construir uma relação entre professor e alunos, de conscientizar os estudantes, nem de corrigir futuros erros, somente eliminar o problema da sala de aula, punindo o aluno infrator com a expulsão da sala de aula, para que este não atrapalhe aqueles que já estão adequados às expectativas da instituição (cf. 3.1). Este professor autoritário, em uma perspectiva mais atual e interativa de disciplina, torna-se o *outro* negativo, já que não cumpre sua função de conscientizar os alunos de seus erros.

Carlos - chefe do SESOP - 16/04/05

A coisa fica da forma que a gente tem visto que pela prática de “fora de sala”, isso tem sido uma constante né, não, não, não conscientiza o aluno, apenas pune. Não aqui colocando que ele tem que ser, não deva haver sanções quando se faz necessário, mas acho que falta muito nesse profissional de hoje em dia essa clareza quanto aos seus objetivos em sala de aula.

A imagem negativa do professor que apresenta uma atitude autoritária em sala de aula também é enfatizada pela diretora adjunta, Dora. Para ela, determinados docentes subjagam e submetem seus alunos à sua posição autoritária, não permitindo aos estudantes nem indagá-los sobre suas dúvidas acerca do conteúdo da aula, sendo sua voz silenciada em prol da imposição de uma disciplina autoritária.

Dora – diretora adjunta – 25/05/05

Mas aquela parte do nosso corpo docente que tem o costume de encarar a turma como número, todo docente que encara a turma como número, essa turma não tem voz. Ela não, não, se não entendeu fica até com medo de perguntar novamente. Se o professor errou, eles tão certos, eles têm até vergonha de questionar alguma coisa, né, porque o professor vai mandar calar a boca, vai mandar sair de sala, vai confundir o pedagógico com a disciplina, acha que se o aluno for questionar alguma coisa, vai estar sendo indisciplinado, vai mandar dar advertência.

Segundo o discurso da professora Dora, os professores que ecoam a voz da autoridade autoritária (cf.3.1) não dão espaço para os alunos se colocarem, pois não os reconhecem como o *outro* da relação pedagógica. A turma é encarada como uma massa uniforme, que deve estar em silêncio e concentração total para que o conteúdo possa ser transmitido, ou melhor, depositado, de acordo com a concepção bancária de educação (cf. 3.1). Neste contexto, em que os aprendizes não podem se colocar, o professor torna-se, na verdade, um *outro* negativo no processo de ensino-aprendizagem, o que é reconhecido no discurso de vários agentes desse processo. Os professores que ecoam a voz de uma disciplina autoritária, ao estabelecerem um discurso monológico, onde só eles têm o total domínio do poder e onde sua verdade é a única possível, demonstram uma grande dificuldade de encarar o aluno com participante ativo do contexto da sala de aula,

em cuja relação assimétrica se produz, na diferença, o conhecimento (Outeiral e Cerezer, 2005). Certamente, este tipo de relação professor-aluno impossibilita o diálogo no sentido bakhtiniano (cf. 4), a construção de uma relação pedagógica na qual haja uma interação entre os participantes, e que possibilite a construção de conhecimento que decorre de um trabalho que envolva professor e alunos em sala.

Enquanto os discursos do chefe do SESOP, Carlos, e da diretora adjunta, Dora, constroem a atitude autoritária do professor como negativa, considerando-a como o principal responsável pela indisciplina, os alunos, em seus discursos, também constroem o professor de forma negativa. Porém, estes apontam a dificuldade dos professores de interagirem com seus aprendizes como uma das principais causas da indisciplina, conforme podemos observar no trecho abaixo, da aluna Ana, da 3ª série do Ensino Médio.

Ana - aluna da 3a série do Ensino Médio - 10/02/06

E: Dentro da sala de aula?

A: Depende ... Cabe muito do professor. Se ele é mais paciente ou menos. Se ele é mais paciente, vai ter um outro nível, ele vai conversar com o aluno, ele vai conversar com a turma, buscando uma melhor forma de interação.

A aluna Ana, ao afirmar deixa claro em seu discurso que, se o professor não constrói uma relação em sala, não conversa com seus alunos, não busca adequar seu trabalho às necessidades de seus alunos, acaba por se distanciar dos mesmos, fato que pode gerar problemas disciplinares, já que os alunos não se sentem respeitados enquanto participantes da interação. O que Ana aponta como dificuldade do professor para manter a disciplina pode ser interpretado, na visão bakhtiniana de mundo (p.4.1), como a presença das dissonâncias, consonâncias e multissonâncias dentro do contexto escolar.

O exemplo abaixo, entretanto, extraído da entrevista de outra aluna, Rebeca, mostra que sua posição é diferente de Ana. A dificuldade, ou mesmo a falta de vontade do professor de promover disciplina em sua sala é apontada no discurso de Rebeca, da 3a série do Ensino Médio, como um “problema de aula do professor”, que não se impõe, que não sabe conter as más atitudes de seus alunos. Seu discurso, ao defender uma disciplina autoritária, é dissonante do de Ana.

Rebeca - aluna da 3a série do Ensino Médio - 02/02/06

O que eu entendo ... quando os professores dizem que os alunos estão INdisciplinados prá mim isso é **um problema de aula dos professores**. (...) Eu acho que você tem que chegar e você tem que impor a sua regra, você fala “eu não quero ninguém falando”, e eu conheço professores que nunca colocaram aluno prá fora de sala e conseguiram fazer uma turma ficar quieta, entendeu? Professores que não são fortes, não são grandes, não têm aquela aparência de dar medo e eles conseguiram deixar uma turma de trinta alunos quieta, enquanto outros que não conseguem se impor. Eu acho que essa é a diferença. Tem uns professores que **conseguem se impor** perante uma turma e outros não.

O professor, na visão de Rebeca, é personagem central na questão da disciplina, pois esta depende de uma postura pessoal do professor, que deve saber se impor. O discurso da aluna, assim, ecoa a visão tradicional de disciplina (cf 3.1), que encara o docente como o maior responsável pelas dificuldades que ocorrem na sala de aula, uma vez que, se a indisciplina ocorre é pela incompetência do professor. Cabe ressaltar que, dentro do próprio discurso da aluna Rebeca, há dissonâncias e, por isso, há uma outra forma de compreender o que Rebeca denomina “conseguir se impor”, caracterizando o professor por uma autoridade liberal (Aquino, 1999). Ela diz que os professores não se impõem pela força, mas sim pelo respeito mútuo, compreendem o aluno como o *outro* da relação pedagógica, aceitam suas idéias e suas dúvidas, e consideram-no como um participante ativo da construção de conhecimento que deve ocorrer na sala de aula. O modo destes professores manterem a disciplina não passa pelo autoritarismo, mas pelo reconhecimento de que sua função não é subjugar os alunos e nem usar seu poder somente para fazê-los agir do modo que desejam. Seu poder institucional é usado de forma inteligente e justa, sempre com o objetivo de gerar mais conhecimento através da construção contínua e conjunta dos sujeitos do contexto escolar (cf. 3.2.3).

A Aluna Jenifer, a seguir, constrói a imagem do professor de duas formas: negativa, a partir da falta de interação do docente com seus alunos; positiva, de como o professor deveria agir na sua relação com os alunos.

Jenifer – 6ª série do Ensino Fundamental – 25/05/05

J: Eu acho que o professor tem que ter mais moral dentro de sala, que senão vai bater ... na mesa, sabe e a gente vai continuar, se você não impõe aquilo, a gente não pode respeitar. (...). Já com a professora Anita, ela fala muito baixo. Ela é muito calma, ela não se impõe. A outra professora, Clara, ela é muito estressada, a gente nunca viu ela dar um sorriso. (...) Ela não é muito braba, mas ela é muito, ela não tem relacionamento com o aluno. É como se o aluno fosse um objeto, e ela teria, tipo **esse gravador** (apontando para o gravador da entrevistadora). Ela fala pro gravador, aí o gravador grava e tá tudo certo. Não tem aproximação nenhuma.

E: Você acha que quando existe um envolvimento maior dos professores com os alunos é mais fácil de controlar a disciplina?

J: Eu acho que sim, que o professor já conhece o jeito do aluno, então ele sabe o que que ele pode fazer para que aquele aluno se toque, assim, dê um estalo, “agora eu vou prestar atenção, senão eu não vou conseguir.. Ou então, eu sei que esse professor vai fazer tal coisa comigo então é melhor eu parar por aqui”. Tem professor que, tipo, depois da aula, “eu quero dar um papo com você”, a aí fala, conversa, e aí fica bem mais fácil a aula.

Jenifer constrói a imagem negativa do professor como aquele que não busca interagir com os alunos. Seu discurso demonstra como a atitude de uma professora, que não constrói nenhum relacionamento afetivo com os alunos, pode ser extremamente prejudicial para o estabelecimento de uma boa disciplina e certamente para o estabelecimento de qualquer tipo de relação em sala. Ela não é acessível aos alunos, dá sua aula agindo como se eles fossem gravadores que registrariam a informação fornecida. A metáfora do gravador é bastante elucidativa da visão de educação bancária, pois, baseado nesta concepção, é possível afirmar que a professora mencionada é uma boa profissional, pois cumpre o currículo em termos de conteúdo. Entretanto, a mesma não se preocupa em estabelecer qualquer tipo de vínculo afetivo com seus estudantes, de acordo com Paulo Freire (1997), e, desta forma, o relacionamento com os alunos e, conseqüentemente, uma construção eficiente de conhecimento fica prejudicada.

Por outro lado, a aluna constrói uma imagem positiva do professor que, ao demonstrar autoridade em relação a seus alunos, consegue manter a disciplina na sala, uma vez que esta autoridade não é produzida unilateralmente, mas vem de uma relação mútua de respeito entre os participantes, de reconhecimento de uma relação dialógica entre professor e aluno. Neste sentido, o professor não impõe

sua verdade como única possível, mas reconhece as verdades de seus alunos como pertinentes ao diversos movimentos pedagógicos que ocorrem na interação da sala de aula. Ele reconhece o *outro* como um participante ativo, construindo uma relação dialógica uma vez que, ao estabelecer um vínculo afetivo, ao relacionar-se com o seu *outro*, dando-lhe voz e vez, o professor passa a perceber que atitudes suas geram mais e melhores atitudes responsivas de seus estudantes. Assim, ao compreender cada turma com quem trabalha como um contexto diferenciado no qual ele interage com diferentes indivíduos que têm diferentes histórias de vida, ele também responde às palavras do *outro*, adequando seu trabalho disciplinar para fazer com que seus alunos se comportem e interajam ativamente na construção do conhecimento. Ao analisar o professor que estabelece uma boa negociação disciplinar com seus alunos, a aluna enfatiza a necessidade de o professor dialogar com seus alunos, sem considerá-los como objetos mudos. Assim como os alunos, o inspetor de alunos, Daniel, no trecho abaixo, também constrói o professor de modo negativo.

Daniel – inspetor de alunos - 13/04/05

E: E o que que gera esse desrespeito pela figura do professor na sala, esse tumultuo, essa bagunça, eles falam muito eles conversam muito?

D: Eu acho que falta ... um pouquinho mais de pulso dos professores, porque ... a disciplina, eu vejo que tem às vezes alguns probleminhas que os professores poderiam dirimir dentro de sala e eles ‘tão deixando... por conta da disciplina do colégio, do setor de disciplina do colégio. **Seria tão fácil pro professor, que tem, como a gente fala, a faca e o queijo na mão,** você, ou dá meio ponto, ou dá um ponto, ou então manda descer alguma coisa, ou então manda chamar o responsável pra comunicar o fato. ... Mas eu acho que os professores, eu acho que eles ‘tão muito atribulados, que eu acho que ele têm que dar aulas em muitos lugares diferentes pra poder sobreviver, porque viver com o salário que se tem hoje é difícil. (...) Então, acabam deixando, deixa por conta da disciplina, ... e não dão a moral suficiente dentro de sala, eu acho que eles teriam que ser mais enérgicos.

Seu discurso também ecoa a visão tradicional de disciplina (cf. 3.1), onde o professor estaria com “a faca e o queijo na mão”, isto é, estimularia seus alunos através da atribuição de pontos ao comportamento destes, ou caso esta estratégia não funcionasse, utilizaria as sanções enumeradas por Foucault (1975 [2000]),

como advertências, reuniões com os pais, suspensões, etc. A falta de autoridade do professor acaba por sobrecarregar, segundo Daniel, a Disciplina, seu setor de atuação, pois os inspetores passam a ter que resolver os problemas que os professores deveriam solucionar, o que faz com que o inspetor construa o professor de forma negativa, como um outro fraco, desinteressado e ineficiente.

Apesar do professor, enquanto o *outro* da relação pedagógica, ser, em geral, construído de uma forma bastante negativa, esta negatividade é construída de forma diferente pelos dois grupos analisados: SESOP/direção e alunos/funcionários. O funcionário do SESOP e a diretora adjunta possuem visões mais atuais de disciplina, devido a sua formação acadêmica, sendo o chefe do SESOP graduado em orientação educacional e a diretora adjunta pós-graduada em Educação. Estes profissionais apontam o excesso de autoritarismo e o grande distanciamento entre os participantes da relação pedagógica como aspectos negativos do professor.

O funcionário da disciplina utiliza seu conhecimento de mundo baseado no que vivenciou enquanto estudante para ecoar a visão tradicional de disciplina. Assim, ele coloca na “falta de pulso” dos professores a responsabilidade pela indisciplina dos alunos, e, deste modo, constrói a imagem negativa do professor.

Esta também é a base da construção da imagem negativa do professor pelos alunos. Estes demonstram em seus discursos que eles (os alunos) percebem que alguns professores não conseguem impor os limites necessários para a condução da aula. Eles também parecem apontar, assim como o inspetor Daniel, para a preferência pelo padrão tradicional de disciplina, pelo controle, pela “moral”, pelo professor que se impõe perante aos alunos (cf. 3.1).

8.2.3.

A família

A família também é representada negativamente pela grande maioria dos entrevistados, já que é vista como a grande culpada pela falta de limites que os alunos apresentam. Nas entrevistas realizadas com os diferentes sujeitos na escola analisada, pude observar que quase a totalidade dos professores, a direção, os três funcionários técnico-administrativos e os alunos constroem a imagem da família como desestruturada, ausente, desinteressada, extremamente focada no trabalho e sem tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos. É importante mencionar que esta construção de família surgiu espontaneamente no discurso dos sujeitos quando eu indaguei, durante a entrevista, quais seriam, em sua opinião, as causas para a indisciplina na escola. Foram apontadas diversas situações que são descritas pelos participantes como dificuldades disciplinares onde a família é encarada como culpada.

8.2.3.1.

A questão dos limites

Um aspecto que se sobressai quando os sujeitos discutem a questão disciplinar diz respeito aos limites, tema importante para a construção do conceito de alteridade no contexto escolar uma vez que, de acordo com Zagury (2000, p.17), impor limites é “iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro”, e, por isso, o limite deve nortear todo o processo educativo, seja ele conduzido em casa ou na escola.

Sabemos que a família tem um papel preponderante na construção de valores e crenças das crianças, e que estes se refletem no comportamento da criança/adolescente na escola. Entretanto, em seus discursos, os professores ignoram os pontos positivos da atuação da família na formação das crianças/adolescentes, pois, afinal, há também alunos bem-educados, que demonstram ter uma boa orientação familiar. Porém, os professores geralmente enfatizam somente os maus comportamentos dos alunos. Ao perceberem somente os aspectos que consideram negativos da educação moral desenvolvida pela

família, os professores passam a acusá-la de não educar seus filhos da maneira correta.

O trecho retirado da entrevista com a professora de inglês, Mariana, abaixo, ecoa a voz de que a indisciplina está intimamente ligada à falta de estrutura da família.

Profa. Mariana – inglês - 30/04/05

E: A gente tem sentido na escola muitos casos de, sentido não, ter percebido muitos casos de indisciplina. Todo mundo reclama e tal. O que que você acha que causa essa indisciplina?

M: Olha, o que eu vejo de ... eu não, na minha opinião, é a falta de estrutura familiar. **O aluno vem pra escola sem um, um apoio, uma base**, então ele fazer coisas erradas não vai trazer nenhum tipo de prejuízo pra ele, então ele simplesmente não sabe o momento certo de se colocar.

E: Ou seja, falta limite?

M: Com certeza, falta de limite. Quando eu falo em ambiente familiar, o ambiente familiar, na minha opinião, ele, ele ... traz como consequência um controle, um limite. É, eu como mãe, “Ah, mãe levei uma advertência”, “como é que foi,... o que que aconteceu?” “Porque? Você estava errado, você estava certo?” **E o aluno que não tem a base familiar não tem esse tipo de cobrança**, ele não tem esse limite, isso não é imposto a ele. (...) porque a gente percebe que tem alunos aqui que dentro de casa não têm o menor respeito pelos pais.

Em seu discurso, a professora menciona que o ambiente familiar pressupõe um controle do comportamento das crianças/adolescentes. Porém os pais, atualmente, de acordo com sua concepção, não estabelecem limites a seus filhos, deixando-os desorientados quanto ao modo que devem se comportar nos diferentes contextos. Deste modo, como não sabem seus limites e não são sancionados por seus atos indisciplinados em casa, acabam agindo da mesma forma no contexto escolar, pois acreditam que, assim como ocorre em suas famílias, não serão punidos. Há no discurso da professora Mariana, uma sucessão de palavras, de expressões que denotam uma construção bastante negativa da atuação familiar: os alunos não têm base familiar, não têm apoio, não têm cobrança, não respeitam os pais. Já os pais não controlam, não impõem limites.

A crença de que a família não apóia a escola ao não controlar os filhos também pode ser percebida no discurso da professora Alice.

Profa. Alice – filosofia - 26/08/05

Que não adianta a escola tentar propor alternativas pra controlar, pra tentar segurar um pouco essa indisciplina, porque na verdade ela tem que ter uma ligação com a família, que tá cada vez mais distante do aluno. Acho que não funciona uma estratégia que venha só da escola. Porque esse aluno já vem de casa com uma postura muitas vezes agressiva e muitas vezes ele não consegue admitir UM **limite**. Um **limite** às vezes bobo, um “não” que você diga pro aluno às vezes já parece uma coisa seríssima. (...) Então, eu acho que essa questão dos valores da sociedade, da forma como os pais hoje se relacionam com os filhos é um dos grandes fatores que causam indisciplina.

No entanto, seu discurso aponta para uma posição de que o fato de a família não impor limites torna o trabalho da escola quase impossível. A imagem da família, enquanto *outro* da relação escolar, é construída como um elemento desestruturante, que atrapalha o trabalho pedagógico. O discurso da professora Alice ecoa uma visão de família tradicional e moderna que, no passado, apresentava um discurso consonante com o da escola, pois ambas tinham os mesmos interesses e as mesmas concepções de mundo. Esta consonância que existia entre os discursos das duas instituições já não existe atualmente. A escola continua tradicional e moderna, com um discurso de disciplina que ainda significa dominar, controlar, corrigir, domesticar a criança. No entanto, a família sofreu muitas modificações e reflete a pós-modernidade, momento sócio-histórico na qual está inserida.

Contudo, é necessário esclarecer que a noção de comportamentos certos ou errados é definida pelos sistemas de crenças dos profissionais que atuam na escola (cf. 4.3) que, ainda em muitos momentos, se baseiam em pressupostos positivistas de educação, tomando como erradas as atitudes, padrões morais e de conduta que as famílias, imersas na pós-modernidade, apresentam. Este tipo de posicionamento da escola aponta para um discurso monológico desta instituição (cf. 4.1), onde somente seus valores são os corretos, e sua verdade é a única interpretação possível da realidade. Neste sentido, a escola é surda à família e seus desejos, necessidades e construções de crenças, padrões morais e éticos, uma vez que deseja e espera que a família se adeque às suas expectativas de modo incondicional. Quando a mesma não age da forma desejada pela escola, ela é

marcada com o estereótipo de errada ou de incapaz.

É possível afirmar, portanto, que, assim como os alunos, a família também se encontra sob o regime de vigilância, exame e normalização identificado por Foucault (cf. 3.1), sendo alvo de definição, cobranças, ameaças e punições. De acordo com esta visão da instituição escolar, a incompetência dos pais se reflete na incompetência dos filhos para se ajustarem às regras disciplinares instituídas pela escola (Ratto, 2006).

8.2.3.2.

A questão dos papéis

Uma questão presente no discurso dos profissionais da instituição analisada é a dificuldade para estabelecer de modo claro os papéis da família e da escola e suas respectivas funções.

É possível observar, no discurso dos professores, que estes compreendem a família que a função da família como o *outro* do processo pedagógico seria a de complementar ou embasar a educação escolar. Porém, ela não tem cumprido esta função de modo satisfatório, ela é construída pelos profissionais de modo negativo. Entretanto, é necessário deixar claro que família e escola podem ter funções complementares, porém, são duas instituições diferentes, e possuem papéis, funções e discursos distintos na sociedade. À família caberia educar o indivíduo para a vida e para a sociedade, transmitindo aos filhos valores, crenças e discursos com os quais compactua. Já a escola teria como função construir conhecimentos cognitivos, afetivos e sociais, que também auxiliem na educação para a vida e para a sociedade. No entanto, no contexto atual, pós-moderno, essas fronteiras têm se tornado cada vez mais fluidas (Bauman, 1998), e, por este motivo, em alguns momentos, é difícil distinguir os papéis e os discursos de cada uma destas duas instituições.

A diretora adjunta, Dora, constrói discursivamente, de forma clara, uma diferenciação entre os papéis da família e da escola em relação à questão disciplinar, como podemos observar no trecho a seguir.

Dora – adjunta da direção -20/08/05

E: Qual seria, na sua opinião, a parcela de responsabilidade da educação que o aluno já traz de casa?

D: Na indisciplina? Na questão da indisciplina eu não vejo os pais absolutamente como responsáveis. Na questão da educação sim. Todo professor também é um educador. Mas a educação só vai acontecer umas duas vezes por semana, três vezes por semana, de acordo com o seu tempo de aula. Os pais não, são pais 24 horas por dia e eles têm a responsabilidade total da educação. O pai tem a posição que o filho tem uma personalidade diferente dentro da escola, é que ele não conhece seu filho. São os pais que tão muito envolvidos com seus trabalhos, com seus problemas e **esquecem que o filho tá dentro de casa**, aquele é, “sou prá prover de roupa, alimentação, de abrigo da chuva”.

E: Você acha que os pais tão deixando prá escola essa função de educar?

D: Deixa, deixa, deixa e cobra. Porque eles acham que como o filho fica uma grande parte do dia dentro da escola, a escola se torna co-participante nessa educação. Só que os pais não percebem que eles, dentro desse tempo que eles estão dentro da escola, tem dias que eles têm português, inglês, matemática, no outro ele tem música, educação física. Cada professor deve ter na realidade uns três tempos de 50 minutos no máximo quatro mais ou menos de 50 minutos com essa criança. Então, na realidade os responsáveis são os pais. Não é a escola responsável integralmente pela educação.

Seu discurso demonstra uma diferenciação entre disciplina, que seria responsabilidade da escola, e, educação, que seria função mais específica da família. De acordo com seu discurso, que ecoa a voz de uma grande parcela dos educadores atualmente, os pais, por estarem muito ocupados com seus afazeres, estão deixando para a escola a responsabilidade pela educação de seus filhos. Ao agirem desta forma, os pais não assumem sua responsabilidade de educadores e delegam à escola uma função que não é a dela, cobrando da instituição a atuação em um campo que não lhe pertence, mas sim, aos pais.

O discurso da diretora adjunta, Dora, aponta para uma compartimentalização bastante definida das funções de família e escola. No entanto, o aluno traz para a instituição escolar os discursos e atitudes que o constituem no ambiente familiar e, ao utilizar os conceitos construídos discursivamente na família, ele constrói novos discursos, entrando em contato com outras vozes, consonantes, dissonantes e multissonantes (cf. 4.1). Portanto, partindo da concepção bakhtiniana de mundo é impossível realizar uma divisão tão radical e precisa das funções das diferentes instituições, pois estes discursos

estão permeados uns pelos outros sem que seja possível distingui-los..

Além disso, é necessário enfatizar que o discurso da família está em consonância com o contexto sócio-histórico no qual ela está inserida, isto é a pós-modernidade (cf. 2.4). Atualmente, os sujeitos da família pós-moderna não vivenciam somente a estrutura tradicional de família (pai-trabalhador/mãe-dona de casa/filhos-estudantes), mas sim inúmeros tipos diferentes de estruturas familiares. Além disso, para viver no mundo profissional globalizado, que cobra dos indivíduos uma mudança e adaptação veloz e constante ao mercado de trabalho, pais e mães são forçados a aumentar sua carga de trabalho para dar conta de suas funções profissionais, o que certamente deixa pouco tempo para uma maior convivência familiar conforme acontecia na família tradicional moderna. Isto faz com que a professora Dora construa a imagem dos pais como pessoas que estão muito envolvidos com seus trabalhos, com seus problemas e que “esquecem que o filho tá dentro de casa”. A falta de uma suposta “estrutura” das famílias pós-modernas também fica evidente no discurso da funcionária do SESOP, Rafaela.

Rafaela – funcionária do SESOP – 02/02/06

(...) as nossas famílias, elas estão muito **desestruturadas**, mas não podemos repetir essas histórias aqui dentro, nós temos que nos organizar, e a escola tem essa função.

No trecho acima, há uma contraposição entre as concepções das duas instituições sociais: família e escola. A primeira, situada sócio-historicamente na pós-modernidade, é descrita pela funcionária como muito desestruturada, enquanto a segunda é representada como organizada. Seu discurso acerca da relação *eu-outro* no contexto escolar é dicotômico: o *eu* da relação pedagógica, no caso de seu discurso, a escola e seus funcionários, tem uma construção positiva, enquanto o *outro*, a família é construída negativamente. Ecoa no trecho da funcionária um discurso monológico (cf.4.1), que encara a escola como a instituição certa enquanto a família é a errada. Rafaela representa a escola como positivista e moderna, e esta não pode padecer do problema vivenciado pelas famílias, pois sua função é ser organizada, ordenada, para que as mazelas familiares e sócio-econômicas não contaminem a instituição.

A partir de uma visão monológica (cf. 4.1), quando a família não está

alinhada com a posição da escola, ela é vista como contrária à instituição, como se ela estivesse atuando no sentido oposto à escola, desautorizando-a e fazendo força para o lado contrário da educação que a instituição oferece aos alunos. Ela aparece como a parte que não quer ou não consegue honrar suas atribuições na propalada parceria família-escola. Enquanto a imagem construída do *outro* – a família – é negativa, o *eu* da relação – a escola – adota uma posição de vítima, pois fica praticamente impedida de atuar em termos disciplinares, de controlar os alunos, de sugerir estratégias disciplinares, uma vez que não conta com a ajuda da família, ou pior, é impedida de exercer sua função devido às atitudes nocivas da família. Assim, o problema acaba não sendo solucionado, pois escola não vê a família como parceira, mas como adversária, um elemento que dificulta seu trabalho.

No trecho abaixo, a professora Fernanda constrói a imagem da família como adversária de escola e não como parceira. Em seu discurso, a família vem em defesa do aluno, não no sentido de buscar junto à escola as soluções para os problemas disciplinares, mas para se opor ao professor no intuito de encobrir e defender o erro do estudante.

Profa. Fernanda – sociologia - 16/04/05

E: O que você chama de esses agentes?

F: Acho que a própria família, que a família hoje, né, de, a família, hoje, ela **não ta 100% do lado do professor**, né, quando você interfere com o aluno, quando você tenta agir com o aluno, a família vem em defesa do aluno, do erro do aluno, quer dizer, não vem em apoio ... ao posicionamento do professor. Ela em princípio vai questionar o professor, né. Então, a gente, acho que a gente ta numa situação ... de crise, crise de instituição mesmo.

E: Nesse ponto, a família, ela não é ...

F: Não, em geral, a família não, a família tá, ela vem desconfiando é, do professor, né, e vendo, tem uma outra leitura, quer dizer, como se o professor tivesse contra a família e contra o aluno. Em geral é assim...

A família, antes consonante com o discurso pedagógico dos professores, aliou-se ao discurso dos estudantes e passou a responsabilizar o professor pelos fracassos de seus filhos (Pedro-Silva, 2006). Assim, por não contar com o apoio irrestrito dos pais, o professor fica impossibilitado de atuar, de interferir sobre o comportamento dos alunos e de educá-los. Entretanto, como a instituição não busca ouvir e respeitar a posição do *outro*, o discurso do aluno é visto como errado, e os pais, se não apóiam a instituição em sua concepção monológica de

disciplina, estão compactuando com o erro do aluno, com sua postura desviante do comportamento correto. Não há uma posição intermediária: ou se está 100% a favor ou se é um inimigo. Este trecho evidencia a crise pela qual a escola tem passado, que parece gerar uma guerra velada e desigual entre seus participantes, uma vez que o professor lida com muitos alunos que contam, cada um, com uma dupla de aliados muito poderosa – seus pais.

8.2.3.3.

A questão do tempo

Outro tema que surgiu nos discursos dos professores, da direção e dos funcionários técnico-administrativos é a falta de tempo da família para supervisionar a vida escolar de seus filhos, conforme podemos observar no trecho abaixo, retirado da entrevista da professora Dirce.

Profa. Dirce – português – 19/08/05

E: Os alunos ‘tão muito indisciplinados. Que que você acha que causa essa situação de indisciplina?

D: (...) Agora, um outro que eu vejo atualmente, é, é, a desestruturação da família, ela não tem tempo pra criança. Então, essa criança é uma criança **solitária**. Ela faz os deveres sozinha, ela se organiza, ela arruma o material **sozinha**. Então, isso, também, essa solidão é desconfortável pro aluno, então isso também, isso também é um dos fatores pra indisciplina.

A professora Dirce, no trecho acima, enfatiza a falta de tempo dos pais para auxiliar na vida escolar dos filhos, descrevendo o aluno como um ser desamparado, solitário, abandonado. Segundo o discurso de Dirce, o estilo de vida que muitas famílias apresentam atualmente dá a impressão de descaso dos pais, pois estes não tomam conta da vida escolar de seus filhos. É importante mencionar que o colégio analisado trabalha com alunos da 5ª a 8ª do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, portanto, todos os alunos têm, pelo menos, 11 anos de idade. Entretanto, são construídos pela professora como crianças solitárias e desamparadas. O discurso desta professora reflete sua formação e experiência profissional anterior, que é a de professora de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), função que exerceu durante aproximadamente 20 anos. Portanto, a

professora Dirce ainda percebe o *outro* da relação pedagógica em sua sala como uma criança desamparada devido à falta de tempo dos pais. Ao construir a imagem do aluno de forma negativa, considerando-o como desamparado, a professora não abre espaço para uma outra construção, positiva, de que a família pós-moderna pode estar dando a chance aos adolescentes de, ao necessitarem realizar suas tarefas escolares sozinho, se tornarem mais independentes, criativos, autônomos.

Assim como a professora Dirce, o chefe do SESOP Carlos também constrói uma família cujos pais não participam da vida escolar dos filhos pela falta de tempo.

Carlos - chefe do SESOP - 16/04/05

(...) por sua vez a questão da família tá muito afastada né, ... do lar por questão de trabalho, por questões de luta pela sobrevivência não é? Então, a vida escolar do aluno, ela fica um tanto distante dos pais. Então, eu acho que por força de todos esses desencontros o aluno tende a refletir isso, porque ele passa a não ter parâmetros não é, porque ele não tem o pai, que não pergunta como foi o seu dia de aula, o que que ele deu e se volta a olhar o seu material, o seu caderno, a saber que dia vai ser a prova dele, se ele tá seguindo. Eu acho que a grande questão é essa, a falta de parâmetros, que o filho não se sente supervisionado nem apoiado por conta disso.

A visão de família sem tempo para seus filhos se torna mais evidente quando a mesma é comparada à família tradicional, burguesa, nuclear, com pai, mãe e filhos, em que, pelo menos um dos responsáveis – em geral, a mãe, dona de casa - tem tempo para auxiliar seus filhos na execução das tarefas escolares. No discurso de Carlos são desconsideradas as várias mudanças na sociedade, tais como a freqüente situação de muitos pais separados, bem como o fato de que, mesmo com todas essas diferenças de arranjos familiares, tão díspares da constituição familiar tradicional e patriarcal, há uma série de alunos que apresentam um excelente comportamento na escola e não apresentam nenhum tipo de problema disciplinar.

8.3.

As consonâncias, dissonâncias e multissonâncias

A partir de uma visão dialógica de discurso, as relações que ocorrem na escola não apontam somente em direção a consonâncias, mas também a multissonâncias e dissonâncias (cf. 4.2). Desta forma, um discurso dissonante do que a escola deseja não deve ser encarado como algo totalmente negativo, pois os indivíduos constroem concepções e discursos em relação à disciplina diferentes das da escola. Essa diferença não significa que eles estejam errados, somente que não estão de acordo com os padrões estabelecidos pela instituição. Contudo, essa visão dialógica não parece estar presente no discurso dos profissionais da escola, uma vez que estes tendem a não aceitar as dissonâncias e as multissonâncias presentes no contexto escolar, buscando apenas atingir a consonância durante todo o tempo. Quando a consonância não ocorre, o diferente é apontado como erro.

Atualmente, a escola atende às diversas camadas da sociedade, que possuem discursos dissonantes daqueles que a escola considera o correto. Esta, no discurso de seus representantes, demonstra que ainda não consegue aceitar a presença de discursos dissonantes daqueles defendidos por ela, e acaba por desqualificá-los. Não se deve esquecer que a família, como agência de socialização, é produto e produtora do modelo social vigente (Pedro-Silva, 2006). Por isso, a escola deve compreender que não é mais possível ter as mesmas expectativas em relação à família e aos alunos que tinha na modernidade, pois, na pós-modernidade, os sujeitos apresentam discursos, crenças, valores e concepções fragmentadas e fluidas, que são bastante diferentes daquelas apresentadas pelos indivíduos na modernidade. O fato de a família possuir discursos diferentes do esperado pela instituição não significa necessariamente que esta esteja passando a mão na cabeça do aluno, mas somente que existe um choque de visões sobre a conduta do aluno, de crenças sobre o que é certo ou errado, tanto no contexto escolar quanto fora dele. Pode também demonstrar que talvez ela nem saiba quais são os eixos norteadores da escola, pois, ao matricular seus filhos na instituição, não foi informada pela mesma sobre sua posição em relação às questões disciplinares. Porém, se sua visão político-pedagógica fosse explicitada aos pais, estes saberiam o que a escola espera de seus filhos em termos de comportamento. Agindo desta

forma, haveria menos dissonâncias e aí talvez, a famosa parceria família-escola surtisse efeito.

Ao analisar o modo como o *outro* é representado discursivamente no contexto escolar, pode concluir que a melhor maneira de compreender e tentar solucionar os problemas disciplinares que ocorrem na escola seria buscar um diálogo verdadeiro, no sentido bakhtiniano, onde as idéias e as concepções dos diversos indivíduos – professores, alunos, direção, funcionários e responsáveis - fossem ouvidas, entendidas e respeitadas, uma vez que é somente a partir da compreensão e aceitação do ponto de vista do *outro* que os indivíduos se constituem como sujeitos (cf. 4.1). Ao abandonar uma postura monológica e compreender que a verdade não está no interior de uma única pessoa, mas surge no processo de interação dialógica de pessoas que a procuram coletivamente (Bakhtin, 1929 [1992]), a escola deixaria de esperar que todos os indivíduos se submetessem às suas verdades e encarar o diferente como errado, ruim. Buscando o diálogo, ela teria como objetivo conjugar as diferentes condutas, visões, concepções e ideologias, no intuito de chegar a um consenso de como atuar em relação à questão disciplinar.

É necessário criar no contexto escolar um espaço para discutir as inúmeras transformações pelas quais a sociedade tem passado e que têm uma enorme influência nas questões pedagógicas e disciplinares que surgem na Instituição. A partir de uma discussão constante, séria, comprometida, embasada e que envolva de forma ativa todos os participantes deste contexto acerca destas questões, os sujeitos deste contexto poderão tomar consciência das situações que vivenciam e buscar juntos, através de um diálogo (cf. 4.1), no qual as opiniões, e necessidades de todos os sujeitos possam ser ouvidas e respeitadas, sugestões para melhorar as relações que ocorrem na instituição. A escola necessita compreender o *outro* da relação pedagógica como um ser ativo e atuante no processo de ensino-aprendizagem e não como alguém que deve concordar totalmente com suas verdades ou submeter de forma acrítica com suas normas. Precisa também aceitar as diferenças e não interpretá-las como erradas, desviantes e inaceitáveis. Para isso, a instituição precisa reconhecer as multissonâncias que são decorrentes do momento sócio-histórico em que ela está inserida.

É necessário, a título de conclusão deste capítulo, esclarecer alguns pontos em relação à representação do *outro* no contexto escolar. Enquanto os outros dois

capítulos foram construídos tendo por base a análise dos dados gerados a partir das perguntas feitas nas entrevistas com os participantes da pesquisa sobre o conceito de (in)disciplina e da percepção sobre a disciplina da escola, este tema aflorou principalmente a partir da pergunta “na sua opinião, quais são as causas da indisciplina na escola?” Ao serem indagados sobre as causas da indisciplina, que é considerada por muitos indivíduos como o maior problema do contexto escolar, os participantes entrevistados foram convidados a falar de questões difíceis que eles vivenciam. Do mesmo modo, ao discutir este tema – as causas da indisciplina – enquanto pesquisadora, construí este capítulo com um tom por vezes também negativo o que pode levar os leitores a interpretarem que há somente pontos negativos na instituição escolar. Contudo, é preciso deixar claro que a imagem negativa da escola foi refletida no texto deste capítulo a partir das respostas discursivas ao enunciado da pergunta sobre as causas da indisciplina, o que reitera os pressupostos bakhtinianos de que há um diálogo entre textos, e que os enunciados são sempre responsivos a outros enunciados. Uma pergunta que enfatizava a indisciplina levou os participantes a construírem um discurso negativo e, ao analisar este discurso, o capítulo também assumiu um tom negativo.

No entanto, é preciso deixar claro que esta não é minha visão sobre a (in)disciplina do contexto escolar analisado. Como foi discutido no capítulo 6 desta Tese, a disciplina da escola não é construída por todos os participantes do contexto como ruim, mas, em geral, como uma disciplina administrável na escola. A imagem negativa da disciplina na escola é percebida de forma mais clara no discurso dos professores, quando os mesmos comparam a disciplina atual com a que vivenciaram quando alunos ou quando iniciaram suas carreiras. Contudo, minha posição frente à disciplina da escola é que aquilo que, alguns professores constroem como uma imagem negativa do *outro* é, segundo Bakhtin, a presença das multissonâncias características dos discursos e das diferentes visões de mundo que coexistem no contexto escolar. Essas dissonâncias não devem ser encaradas de modo negativo, mas devem ser compreendidas, aceitas e negociadas, com o objetivo de construir uma disciplina justa, consciente e interativa no contexto escolar, não somente do colégio analisado, mas, se possível, na educação em geral.

A seguir, encerro esta pesquisa com minhas considerações finais.